

“A memória de nós”: a pesquisa do Grupo em Lírica Brasileira Contemporânea no contexto do curso de Letras da UFMA

Gabriela Santana de Oliveira⁵
Rafael Campos Quevedo⁶
Fernanda Castro de Souza Abreu⁷

RESUMO: A primeira parte deste texto apresenta uma breve reflexão sobre o percurso do Grupo de Estudos e Pesquisa em Lírica Brasileira Contemporânea no contexto dos Estudos Literários desenvolvidos na Universidade Federal do Maranhão de 2014 até 2023. Em seguida, apresentamos e comentamos uma seleção de sete poemas, cada qual pertencente a uma década (dos anos de 1960 ao ano de 2023), que têm em comum a temática do tempo em sua dupla face: a inevitável efemeridade da vida e o esforço em, por meio da arte, alcançar alguma perduração no tempo. Em outro campo de atuação, a pesquisa acadêmica de obras contemporâneas também lida com o desafio de apreender uma produção em constante devir e, sobre ela, produzir uma memória, ainda que não perene, pelo menos duradoura, dessa produção poética. Com um propósito mais memorialístico do que analítico, estas considerações se pretendem parte das celebrações aos 70 anos do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Contemporânea Brasileira. Estudos Literários na UFMA. Efemeridade do tempo. Perenidade da obra.

⁵ Doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Estudos teóricos e críticos em Literatura pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); especialista em Recursos Gramaticais para Revisão Textual pela Faculdade Unyleya; graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Administração pela Universidade Ceuma (UNICEUMA). Atua nas áreas de Línguas e Literaturas Portuguesa e Inglesa. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa da UFMA e ao Grupo de Pesquisa Poesia e contemporaneidade da UFF. E-mail: gabrielasantana1611@gmail.com

⁶ Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB); mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especializado em Literatura Brasileira (UNIVERSO) e graduado em Filosofia e Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atua na área de Literatura Portuguesa e Brasileira. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa e o Grupo de Estudos Girardianos da UFMA. É Professor associado do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA (PGLetras-UFMA). Desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento (2021) sobre a obra de Salgado Maranhão na Universidade Federal Fluminense (UFF) com bolsa CNPQ pós-doutorado sênior. E-mail: rafael.quevedo@ufma.br

⁷ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Graduada em Letras com habilitação em português / espanhol pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Integrante e ex-bolsista (FAPEMA) do Grupo de estudo e pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa coordenado pelo professor Dr. Rafael Campos Quevedo. Possui projetos de pesquisa voltados aos lugares-comuns na poesia de língua portuguesa ontem e hoje (2017) e à investigação tópica da inspiração poética na Lírica contemporânea de língua portuguesa (2018). Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA - Campus Itapecuru-Mirim)

ABSTRACT: The first part of this text presents a brief reflection about the journey of the Grupo de Estudos e Pesquisa em Lírica Brasileira Contemporânea (Contemporary Brazilian Lyric Study and Research Group) in the context of the Literary Studies, developed at Universidade Federal do Maranhão since 2014 until 2023. Then, we present and comment a selection of seven poems, each representing a decade, from the 1960s to 2023, having in common the time topic and two aspects of it: the inevitable life ephemerality and the effort, through art, to endure in time. In another action context, the academic research of contemporary works also deals with the challenge of grasping a production which is ever-changing and making, not a perennial, but at least a long-lasting memory of this poetic work. Having more of a memorial purpose instead of an analytical one, these considerations intend to be part of the 70th Anniversary of Letras undergraduate course at Universidade Federal do Maranhão.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Poetry. Literary Studies at UFMA. Time ephemerality. Work perpetuity.

Lírico é o que existe de mais fugaz; no momento em que se torna perceptível o definido, o objetivo, finaliza-se a poesia mais fugaz, a canção.

Emil Staiger

A tão humana perplexidade diante da fugacidade do tempo tornou-se tema da poesia desde os primeiros registros da épica e da lírica arcaicas gregas (ACHCAR, 1994, 59-61) e, desde então, nunca deixou de se fazer presente no rol das inquietações do sentir-pensar poético. De igual modo, o empenho em, de alguma maneira, tentar vencer a finitude, senão de maneira absoluta, ao menos buscando formas vicárias de perpetuação no tempo e na memória dos pósteros, também se firmou como *topos* poético de longa tradição. Em alguma medida, tudo se passa como se toda obra de arte, diante da efemeridade do tempo, se pusesse a repetir o pedido de Fausto diante do instante que passa: “Oh, para! És tão formoso!”⁸ (GOETHE, 2020, p. 169).

Salvas as devidas e consideráveis diferenças, àquele que se dedica ao estudo do contemporâneo não é incomum a impressão de lidar com um objeto movediço, em constante devir, assim como, por outro lado, a de estar a contribuir para a construção de uma memória, de algum modo estabilizadora dessa fluidez.

⁸ *Verweile doch! Du bist so schön!*

Foi com base nessa dupla disposição para com o tempo que pensamos este texto que vem a propósito das celebrações referentes aos 70 anos de existência do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Pretendemos trazer aos leitores deste dossiê da *Littera online* um apanhado da trajetória do Grupo de Estudos e Pesquisa em Lírica Brasileira Contemporânea traçado a partir das contribuições dadas e dos desafios ainda vividos no âmbito dos estudos literários, tanto de graduação quanto da pós-graduação, em nossa Instituição. Na segunda parte destas considerações, comentaremos um *corpus* de sete poemas (publicados ao longo das sete décadas de existência do curso de Letras) cuja característica comum consiste justamente em apresentar figurações poéticas da fuga do tempo e da busca da eternização pela arte. Na primeira parte, tentaremos nos afastar de um modo de apresentação da história do Grupo à maneira de um relatório, muito embora precisemos, em nome da clareza da reflexão, aludir a alguns eventos significativos. Com relação ao segundo momento, evitaremos análises exaustivas ou muito pormenorizadas dos poemas escolhidos, já que não é este o objetivo central deste texto.

Os estudos acerca do gênero lírico certamente não estão entre os de maior adesão por parte do público acadêmico e causas as mais variadas poderiam explicar o menor prestígio dessa modalidade de pesquisa entre discentes e docentes de instituições brasileiras. Em conferência proferida em 2012, Paulo Franchetti, partindo dessa percepção, afirmava, naquela altura, o quão ainda mais estreito eram os círculos dos que se dedicavam às investigações da lírica contemporânea:

Mas o que mais causa espécie é que mesmo em boas universidades tenho encontrado cada vez mais colegas que não hesitam em dizer, quando a situação se apresenta, “não entendo de poesia” (embora poucos tenham a coragem de dizer o que se percebe: que não gostam de poesia). O não entendimento ou o desinteresse também pode manifestar-se por meio das glosas usuais e defensivas: “não sou especialista e por isso não posso julgar”, “embora não saiba muito de poesia, gosto de ler isto”.

A minha reação primeira sempre foi de desconcerto perante tal estado de coisas, porque não são leigos ou estudantes os que dizem isso, mas intelectuais com experiência de estudo e de ensino, doutores em literatura, formados nas melhores universidades, muitos com trânsito e experiência internacional.

É certo que dificilmente na universidade alguém diz algo como “não entendo de poesia” se o assunto é *Os Lusíadas* ou a *Odisseia*. E também diminui o contingente dos constrangidos, se o tema é a poesia modernista, por exemplo. Ou seja, parece que quanto mais historizado

o objeto, menor o desconforto. E, conseqüentemente, maior é esse desconforto à medida que o objeto se avizinha do presente. (FRANCHETTI, 2021, p. 167)

Tais palavras do experiente professor da Unicamp, hoje aposentado, poderiam ser adaptadas ao contexto dos estudos em literatura da UFMA, no ano de 2014, com a considerável ressalva de, por se tratar de um departamento com pouquíssimos pesquisadores em Literatura naquela altura, as dificuldades para se dar conta de trabalhos que envolvessem grande parte dos principais gêneros, estilos e metodologias do campo em questão, eram bastante grandes. De modo que, ainda que houvesse alguma tácita restrição com relação ao apreço pelo gênero lírico, o problema da limitação quantitativa era inquestionavelmente preponderante.

Foi nessa conjuntura de ausência de pesquisas em poesia que iniciamos o projeto do Grupo de Estudos que, já em seu primeiro ano, foi contemplado pelo edital de incentivo a novos projetos da agência de fomento do Estado do Maranhão, a FAPEMA. Naquele mesmo ano (ou talvez no final do anterior), demos um importante passo para o incentivo dos estudos em poesia contemporânea na UFMA: a incorporação da disciplina Poesia III ao rol das matérias obrigatórias no currículo da graduação com uma ementa que contempla a produção poética de língua portuguesa dos séculos XX e XXI.

No ano de 2018, com as pesquisas do Grupo já consolidadas em nível de Iniciação Científica e trabalhos da graduação, levamos para a ainda “jovem” pós-graduação em Letras da UFMA a proposta de criação de uma linha de pesquisa dedicada exclusivamente aos Estudos Literários, de modo que os trabalhos em Literatura pudessem ser acolhidos em uma linha específica, uma vez que as duas existentes pertenciam às áreas da Linguística e da Análise do Discurso. A proposta foi aprovada e, com ela, a criação de uma disciplina em Tópicos em lírica tradicional, moderna e contemporânea que passou a integrar a grade curricular do Mestrado em Letras da UFMA.

A essas realizações acrescentaríamos, ainda, os eventos que promovemos, dos quais foram gerados importantes produtos tanto do ponto de vista da produtividade acadêmica quanto das trocas de experiências e afetos entre os membros do grupo e os convidados, entre os quais se incluem pesquisadores de referência para nossas investigações e também poetas cujas obras foram objeto de nossos trabalhos. Entre esses

últimos convém mencionar os seguintes nomes: Carlos Felipe Moisés, Geraldo Carneiro, Paulo Henriques Britto e Salgado Maranhão.

Não resta dúvida de que o empenho persistente, prazeroso, sobretudo, mas em alguns momentos sofrível, no labor da pesquisa e nas vivências a que aludimos no parágrafo anterior, coloca-nos a fundo no processo mesmo de aperfeiçoamento profissional-acadêmico, mas também no da ordem do humano. A pouco tempo de completarmos dez anos de atuação, a memória (duradoura?) do que construímos está nos registros curriculares, nos anais de eventos, nos artigos e livros publicados; mas está, ainda, no modo de ver a tradição literária, de se acercar do poema, objeto opaco e translúcido, misto de esfinge e “claro enigma”; está, também, nos torneios sintáticos de nossa escrita, no detalhe estilístico, na expressão idiomática, espécie de *koiné* compartilhada por nós membros mas que, apesar disso, não suprime as idiossincrasias e o traço autoral e singular de cada um. Ao saber horaciano prescrito a Leucônoe na Ode 3.30 concilia-se a otimista aposta no nebuloso porvir. De certo modo, aprendemos com o poeta latino de que tanto nos servimos⁹ em nossa trajetória de pesquisadores de poesia, pois soubemos colher a hora em seu instante fugaz. Por outro lado, o da aposta na perenidade futura, seria de todo insensato pensar que o trabalho continuado pelos antigos membros para novos e mais jovens públicos não representaria algum grau de insubordinação à finitude?

Isso posto, daremos início à segunda parte destas considerações, dedicada à apreciação de poemas de autores brasileiros que versaram sobre o tempo a partir das questões que mobilizamos até aqui.

O primeiro poema, representando a década de 1960, é do piauiense Mario Faustino:

Carpe diem

Que faço deste dia, que me adora?
Pegá-lo pela cauda, antes da hora
Vermelha de furtar-se ao meu festim?

⁹ Referimo-nos aqui a dois poemas clássicos de autoria de Horácio: a Ode 3.30 cujo arremate traz o célebre verso que consagrou o *topos* do *carpe diem* cuja mensagem consiste em aproveitar o instante presente sem querer saber o que o futuro nos reserva. Já a Ode 1.11 inicia-se com a expressão *exegi monumentum* e seu teor pode ser sintetizado na ideia segundo a qual seria possível, por meio da arte, vencer parcialmente a morte, já que o poeta seria lembrado por futuras gerações de leitores. Sobre essas duas tópicas poéticas e uma possível relação conciliatória entre ambas as mensagens, cf. Antonio Cicero: <http://antoniocicero.blogspot.com/search/label/Carpe%20diem> (acessado em 14 de outubro de 2023).

Ou colocá-lo em música, em palavra,
Ou gravá-lo na pedra, que o sol lavra?
Força é guardá-lo em mim, que um dia assim
Tremenda noite deixa se ela ao leito
Da noite precedente o leva, feito
Escravo dessa fêmea a quem fugira
Por mim, por minha voz e minha lira.

(Mas já de sombras vejo que se cobre
Tão surdo ao sonho de ficar — tão nobre.
Já nele a luz da lua — a morte — mora,
De traição foi feito: vai-se embora.) (FAUSTINO, 2009, p.195)

A reflexão sobre a efemeridade do dia (aqui uma evidente metonímia da vida) não poderia interpelar-nos de forma mais pujante do que nessa, escrita por um poeta falecido tão abruptamente, aos 32 anos de idade. A precoce partida do autor parece ironicamente achar-se inscrita em seu sobrenome, como a indicar uma curta ventura, uma felicidade diminuta.

O poema foi publicado postumamente, em 1966, o que contribuiu para assinalar com ainda mais eloquência a mensagem que o poeta tomou dos clássicos (Alceu, Simônides, Horácio etc.) e a recriou nesse admirável soneto decassílabo em construção estrófica atípica: uma estrofe de dez versos seguida de um quarteto. A disposição rímica em AABCCBDDEE FFAA revela, no entanto, a arquitetura do poema: trata-se de um soneto invertido em que somente aquela que seria a primeira quadra (na disposição convencional, italiana) está destacada do bloco monostrófico. O motivo do desprendimento dessa última estrofe do bloco anterior pode ser explicado pelo conteúdo que carrega: sendo ela a de teor mais taciturno, à maneira de um *memento mori*, representa uma ruptura, como a morte é um corte com a vida. A propósito da seleção imagética do poema, destacamos a menção à “cauda”, que comparece no segundo verso, e que não tem precedente, pelo que sabemos, em recriações anteriores do *carpe diem*. Trata-se de uma imagem surpreendente, sobretudo se lida sobre o pano de fundo da causa da morte de Mario Faustino: o desastre aéreo de um voo da Varig em 1962.

Convém ainda notar que, entre as rasuras empreendidas por Faustino no esquema clássico do *topos* estaria uma importante: à modulação injuntiva com que o discurso aparece em Horácio (com verbos no imperativo como: “sê sábia”, “decanta o vinho”, “não indagues” etc.) preferiu o poeta piauiense o diapasão da dúvida. A pergunta sobre o que fazer com a hora (leia-se, a vida) fluida, o sujeito poético indaga, interroga-se. As

alternativas assaltam-no e entre elas a opção da fixação por meio da arte (a “lira”, a “música”, a “palavra”).

Passando para a década de 1970, a poeta paulista Hilda Hilst publica o festejado volume de poesia *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, de onde retiramos o trecho que se segue:

Nós dois passamos. E os amigos
E toda minha seiva, meu suplício
De jamais te ver, teu desamor também
Há de passar. Sou apenas poeta

E tu, lúcido, fazedor da palavra,
Inconsentido, nítido

Nós dois passamos porque assim é sempre.
E singular e raro este tempo inventivo
Circundando a palavra. Trevo escuro

Desmemoriado, coincido e ardente
No meu tempo de vida tão maduro.
(HILST, 2018, p.21)

O poema acima está incluído na seção intitulada “Dez chamamentos ao amigo”, que abre o livro. Esses “chamamentos” estabelecem uma relação intertextual com a cantiga de amigo, gênero da lírica medieval galego-portuguesa, marcadamente em dois aspectos: a expressão da *coita* amorosa e a estrutura (pseudo)dialogal. Embora apresente flexibilidade temática maior que as cantigas de amor¹⁰, ainda assim, via de regra, nas cantigas de amigo o conteúdo gira em torno do sofrimento da donzela que diante da ausência de seu amado, lamenta essa perda e canta a espera por sua volta. No texto de Hilst, o insistente chamamento ao amigo é construído por um eu que se endereça a um tu ausente, que não lhe responde, por isso mesmo, trata-se de um pseudodiálogo, já que não há respostas do interlocutor. Em uma possível chave de leitura, é lícito considerar que esse amante indiferente é o próprio tempo. Nesse ponto, vale dizer que a questão da temporalidade atravessa todo o poema, ora mencionada de forma explícita ou através de metáforas como a seguinte:

Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.

¹⁰ A retórica do amor infeliz, motivo central da poesia trovadoresca, encontra nas cantigas de amor uma estrutura fixa onde predomina a figura de um trovador que se dirige à sua amada inacessível. Nas cantigas de amigo, por outro lado, a interlocução compreende as queixas da moça ora à mãe, ao amado, às amigas ou até mesmo à natureza.

E era como se a água
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu.
(HILST, 2018, p. 17)

Nos versos acima prevalece a ideia da fluidez, reforçada pelo uso reiterado do verbo “passar” no primeiro trecho e no segundo, pelo constante mover-se das águas. Nesse segundo momento, cumpre observar que o eu se reconhece como terra, elemento que, em oposição ao fluir das águas, caracteriza-se pela fixidez. Contudo, essa fixidez não é absoluta, uma vez que banhar a terra também significa modificar seus contornos, corroê-la. No primeiro trecho, a identificação do eu coloca ainda em jogo os polos do perene e do transitório, representando o eu a poesia, e o tu o tempo.

O poder imortalizador da poesia cristalizado no *topos* horaciano do *Exegi monumentum*, na releitura de Hilst, passa por um processo de rebaixamento, porém, não de aniquilação. A dessacralização do poeta (“sou apenas poeta”), lugar-comum na modernidade, atestada ironicamente por Baudelaire na imagem do poeta que, ao atravessar a rua, deixa cair sua auréola no lama, não tira da poesia a capacidade de contrariar a efemeridade da vida em um agora (“tempo inventivo”) materializado no texto poético, espaço/tempo do que é “singular e raro”.

A experiência do homem no tempo, o saber-se mortal, a vontade de permanência, desde épocas longínquas até hoje continuam a fornecer matéria para as especulações poéticas. O livro *Escavações* de outra poeta paulista, Neide Archanjo, publicado em 1980, dá testemunho da intrincada articulação entre tempo, memória e poesia:

Tudo nasce e torna a renascer
uma segunda vez.
Agora o gesto infinito
(suas esporas e primores)
resguardado na infância
volta
anterior e primevo
ocupando meu ser

como a semente ocupa a terra
antes da árvore.
Importa o que foi
o que agora é?

Esta hora este tempo este lugar
são bojo
inventário
memória
invenção deste fogo
casto esfregar de pedra contra pedra.
O meu olhar percorre
o ponto luminoso
que circunda as coisas
e acorda-as pelo nome.
Quem senão o poeta
para acordar o coração das coisas
e chamar os mortos? (ARCHANJO, 1980, p. 29)

Nota-se em Archanjo que as evocações tanto servem para revelar o corpo dos acontecimentos, em reminiscências da infância, de episódios e pessoas, quanto servem para sugerir, por meio desses acontecimentos, novos desdobramentos e possibilidades que brotam do encontro entre o passado e o agora. A reflexão sobre a memória configura-se como alteridade, uma vez que o gesto inaugural da infância, antes resguardado, volta agora como outro. Aqui o fundo memorial é apresentado como lugar privilegiado que estimula ([com] “suas esporas”) e donde o poeta extrai matéria de excelência (“primores”) para seu fazer. O título do livro – *Escavações* – já nos sugere esse gesto de escavar na/da profundidade do eu pessoal (“infância”) a substância do ser poeta. Na apreciação desse livro, Carlos Felipe Moisés (2012, p. 94) declara que, por meio do exercício de rememoração, “a dimensão temporal deixa de ser tema de especulação para tornar-se categoria de ser. As lembranças convocadas pela memória buscam uma plenitude que coincide com sua fixação pela palavra poética.”

O primeiro verso do poema (“Tudo nasce e torna a renascer”) recusa a concepção linear do tempo e aponta para uma perspectiva de circularidade. Ademais, a distribuição espacial dos versos na página aponta para a transformação em um movimento que também é circular (“olhar [...] que circunda”), ou seja, que vai de um lugar a outro, mas retorna. A poeta faz o tempo se deslocar no espaço da página. Em uma visada metapoética, ao perguntar se importa o que foi, Archanjo não nega a presença das marcas

de suas vivências anteriores em seu texto, porém sinaliza que o que deve importar é o agora, a corporeidade do poema, por meio do qual o passado transmutado sobrevive.

Nesse ponto, convém destacar a assertiva de Hans Magnus Enzensberger (2003, p. 20) acerca do encontro dos tempos: “O contato entre diferentes camadas do tempo não conduz ao retorno da mesma coisa, mas a uma interação que, todas as vezes, produz algo novo em ambos os lados.”

Um tipo semelhante de plasmação é o que se vê no poema “O azul e as farpas”, inserido no livro *O beijo da fera*, de 1996, onde Salgado Maranhão reflete sobre a relação tensa entre algo da esfera do corpo, da terra, das origens com elementos do universo da cultura e da tradição, sendo tudo isso atravessado pelo tempo.

Sigo a sangrar, do peito ao vão das unhas,
os dardos do amor: o que há sido e o que há.
Naufragado ao vento de um cais sem mar
o que serei se alia ao que me opunha.
As farpas do desejo - esse tear
das aranhas da dor e sua alcunha
- fazem da luz do dia uma calúnia,
cravam no azul da tarde o zen do azar.
Tento amarrar o tempo e a corda é curta,
tento medir o nada e nada ajusta.
(Meus nervos tocam para os inimigos
que chegam sob o som de uma mazurca.)
Resta a mó do destino - o desabrigo
- a devolver meu pão de volta ao trigo. (MARANHÃO, 2023, p. 123)

Rico em sugestões, o texto abriga motivos clássicos e caros ao lirismo, como a metáfora náutica (“Naufragado ao vento de um cais sem mar”), que diz respeito às dificuldades e incertezas da aventura marinha e serve de alegoria, nesse soneto, à outra aventura: a amorosa. Também comparece uma entidade do panteão grego, amplamente reconhecida como o deus do amor, Eros, que, como sua mãe Afrodite, também representa o desejo. Resultados das flechas que ferem o coração (“os dardos do amor”), o amor e o desejo, as potências de Eros, possuem dupla feição: criadora e destruidora. Eros, então, pode ser tanto uma força geradora de vida, quanto um deus que invade o indivíduo com uma atração contra a qual é inútil lutar. E é assim que, sem poder resistir, o sujeito do poema sangra (“do peito ao vão das unhas”) e faz coisas impensáveis (“serei se alia ao que me opunha”). O amante deseja somente a noite, a hora do encontro amoroso, por isso o elemento diurno é uma calúnia que crava “no azul da tarde o zen do azar”. A aliteração

marcada pela sibilante “z” alimenta a ideia de algo cortante, violento, o que também é reforçado pela presença de signos que remetem à dor, espiritual e física, sanguínea mesmo (“sangrar”, “dor”, “cravam”). No verso “tento amarrar o tempo e a corda é curta”, o sujeito reconhece o fracasso diante do desejo de fixar o momento.

Até aqui, constatou-se no poema a figura de um sujeito poético que, tomado por uma atração inelutável, lança-se em uma busca perigosa e sem nenhuma garantia de sucesso, mas, ainda assim, irresistível. Tudo isso, somado ao mito da tecelagem, atribui ao texto um aspecto metapoético.

As narrativas míticas contam que uma habilidosa tecelã, Aracne, desafiou a deusa Atena e foi transformada em aranha, sendo condenada a tecer para sempre. O constante fiar da teia coloca em evidência o paradoxo entre a fragilidade da aranha e a resistência da teia. Além disso, expõe também a pulsão criadora do poeta (“as farpas do desejo - esse tear das aranhas da dor”). Outro matiz do mito da tecelagem está na representação das fiandeiras, também conhecidas como Moiras, divindades que fiam os dias da vida humana e determinam o destino dos homens, pois a elas cabe cortar o fio dessas vidas. O fiar, portanto, representa nascimento, renovação, transformação, mas também ruptura.

Ao comentar o verso que encerra o poema, Rafael Quevedo (2023, p. 30) destaca como o poeta, de modo inusitado, sugere que “o pão, elemento cultural [seja] ‘devolvido’ ao trigo: a matéria, componente natural”, e, dessa forma, acentua o movimento de retorno, tema caro à lírica salgadiana. Assim, além do passado, representado por meio de mitos e motivos clássicos, se atualizar no texto contemporâneo, também o futuro revisita suas origens neste poema que entre percalços, incertezas e pulsões se constrói como uma espécie de convergência dos tempos.

Da primeira década do século XXI escolhemos o seguinte soneto monostrófico em oito sílabas poéticas de autoria de Antonio Cicero:

A história, que vem a ser?
mera lembrança esgarçada
algo entre ser e não-ser:
noite névoa nuvem nada.
Entre as palavras que a gravam
e os desacertos dos homens
tudo o que há no mundo some:
Babilônia Tebas Acra.
Que o mais impecável verso
breve afunda feito o resto
(embora mais lentamente

que o bronze, porque mais leve)
sabe o poeta e não o ignora
ao querê-lo eterno agora (CICERO, 2002, p. 29).

As duas grandes referências com as quais o soneto dialoga são: a comparação entre Poesia e História feita por Aristóteles na *Poética* e o *topos* horaciano do *exegi monumentum*. Em ambas as direções, o tom é de desacordo. Com relação à primeira referência, opõe-se o eu lírico à asserção do estagirita para quem a História prende-se ao campo dos acontecimentos factuais ao dizer que ela é “noite névoa nuvem nada”. Adiante, rebaixa a eufórica aposta na imortalidade, marca do *topos* clássico, para uma visão bem menos idealizada (“[...] o mais impecável verso/breve afunda feito o resto”) acerca do tema.

Atravessado por agudas sutilezas, a visão menos otimista sobre a História e a Poesia expressa pelo discurso do sujeito poético articula-se no plano verbal do texto, a exemplo da rima “homens” e “some” que configura poeticamente a finitude humana ao incrustar o “some”, de modo anagramático, dentro da palavra “homens”. Recurso semelhante se faz presente na relação entre “palavra” e “gravam” em que a função de registrar os fatos (gravá-los) está implicitamente contida no vocábulo “palavra”.

A aproximação paronomástica entre “breve” e “bronze”, por sua vez, promove a disjunção entre duas noções que, na tradição clássica (pano de fundo do soneto de Cícero), estão intimamente vinculadas: *vita brevis, ars longa* e *Exegi monumentum aere perennius*. Nesse sentido, o bronze, símbolo da durabilidade é, agora, incluído no campo das coisas breves.

Mas o próprio poema trai o discurso de rebaixamento do idealismo que vinha sendo articulado ao longo do soneto para, em seu último verso, contradizê-lo no lance utópico da criação: o poeta quer o poema “eterno agora”. “Ao querê-lo eterno agora” é uma passagem esteticamente precisa, cujo início em “ao” é reiterado às avessas no fim do verso, em “agora”, e o “querê-lo” praticamente faz ecoar o “eterno”! A urgência da vontade encontra uma formulação muito bem ajustada, portanto. Isso fica mais evidente, ainda, se dermos a devida ênfase ao “agora” justaposto a “eterno”.

Todavia, uma vez que o último verso está sintaticamente ligado ao anterior, a ideia que o antecede é relevante para o teor da resposta utópica, já que o penúltimo verso é todo ele uma afirmação da tomada de consciência do poeta sobre o peso da passagem

do tempo: “sabe o poeta e não o ignora”, onde o “ignora” contém explicitamente a negação no plano semântico (ignorar = não saber) e sugestivamente no plano do significante: “ignora”. Na montagem “paratática” de ideias do campo semântico temporal, “ignora” é uma espécie de palavra-valise poética na qual estariam cunhadas “não” + “ignora” + a hora. Em suma: a passagem do tempo, a história, pesa sobre a consciência do poeta, tal como, também, na de Stephen Dedalus do *Ulisses* de James Joyce: “– A história – disse Stephen – é um pesadelo do qual estou tentando despertar” (JOYCE, 2005, p. 39).

Da década de 2010, escolhemos uma releitura satírica de Horácio escrita em versos dodecassílabos por Paulo Henriques Britto:

Horácio no Baixo
(*Odes I*, 11)

Tentar prever o que o futuro te reserva
não leva a nada. Mãe de santo, mapa astral
e livro de autoajuda é tudo a mesma merda.
O melhor é aceitar o que de bom ou mau
acontecer. O verão que agora inicia
pode ser só mais um, ou pode ser o último –
vá saber. Toma o teu chope, aproveita o dia,
e enquanto ao amanhã, o que vier é lucro. (BRITTO, 2012, p.23)

De forma simples, simpática e acessível, o poema do poeta, tradutor e professor Paulo Henriques Britto dialoga de forma direta com a tradição horaciana ao trazer para seus versos um dos grandes temas da poesia, o já mencionado *carpe diem*. Nesta ocasião o tema da fugacidade da vida é “rebaixado” à coloquialidade dos tempos atuais e novamente entregue à circularidade perene da poesia. A forma “boa-praça” como o poeta reescreve a ode de Horácio, sinalizada logo abaixo do título, trazendo o tema da passagem do tempo para uma linguagem corriqueira dos dias atuais, deixa evidente a clareza da mensagem principal do poema: a importância de viver o presente.

Assim como o poeta latino, o eu lírico contemporâneo adverte, em forma de conselho amigável, e ao mesmo tempo em um tom energético, que tentar prever o futuro não é a saída para se viver melhor, a opção mais assertiva é, segundo a voz do poema, apenas aceitar o agora como ele se apresenta, sem permanecer em estado ansioso por estar submerso em pensamentos a respeito do que está por vir. É necessário, inclusive, que se aceite até o que de mau pode advir, mas não como forma de ser passivo quanto às

adversidades, mas sim por ter em vista que tais problemas não podem ser evitados, sendo esse mais um motivo para não se prender à mãe de santo, a mapa astral ou a livro de autoajuda.

Nota-se que, para dar esses conselhos, o poema de Britto, assim como o poema antigo a que faz referência, faz uso de verbos no imperativo, tal como visto em poemas anteriores aqui comentados. O argumento que se insere como justificativa na argumentação de ambos os poemas é que a vida é fugaz e não há como prever se aquele instante será só mais um ou o último. Dessa forma, provoca o eu lírico contemporâneo, cabe a nós, mortais, aproveitarmos o presente. Ao fazermos essa leitura percebemos a diferença de direcionamento da mensagem deste poema em relação ao poema horaciano: se, em Horácio, o emissor se dirige à Lecônoe, em Britto ele se dirige a todos os leitores que passem os olhos sobre seu poema.

Como fecho, orienta-se: “Toma o teu chope, aproveita o dia, / e enquanto ao amanhã, o que vier é lucro”. A exortação orienta ao relaxamento alcóolico, indicando que o melhor caminho a seguir é abraçar o presente com todas as suas possibilidades, sejam elas boas ou ruins, afinal, o que vier é lucro, ou melhor, se o futuro vier é lucro. Não espere que o vinho decante, aguardando calmamente os sedimentos se separarem do líquido, coa-o e usufrua-o enquanto for possível aproveitá-lo. A questão que se levanta é que o tempo passa e nós, seres perecíveis, mesmo que não estejamos sempre conscientes de que “o tempo trota a toda ligeireza”, como já afirmava Gregório de Matos, estamos reféns de sua passagem. A mesma questão podemos ver no poema a seguir, publicado no ano de 2020 por Armando Freitas Filho.

Tempo ao tempo

Diáfano como a maioria
Passa sem deixar marca
na memória: transparente
(ao menos a luz o atravessa)
e se superpõe aos outros
ano afora assim como este
a outros anos, fanados
no fim do calendário,
emendando sua folha
inicial à outra idêntica
à última, num moto-contínuo
que praticamente não para

apesar da força da ilusão
em sentido contrário
nem assinala nenhum
ponto relevante e mesmo
se for corre o risco
de não ser de cair cedo
ou tarde no esquecimento.
Temos idos ou vindos
Não cessam embora
pareçam estar parados.
(FREITAS FILHO, 2020, p. 154)

A expressão “dar tempo ao tempo” tem o mesmo significado de ter paciência. Essa seria uma forma do indivíduo suportar inquietações, acalmar-se e, assim, preservar sua qualidade de vida. Diáfano, o tempo passa imperceptível no caminhar da vida, “Quando se vê, já é sexta-feira! / Quando se vê, já é natal... / Quando se vê, já terminou o ano... / Quando se vê perdemos o amor da nossa vida. / Quando se vê passaram 60 anos!” (QUINTANA, 2005, p. 50). Mario Quintana, no poema “O tempo”, também alerta para o fluxo do tempo que está entre nós o todo tempo presente de forma translúcida, rarefeita, mas mesmo assim, “imprimindo sobre a flor sua pisada”. Mesmo que não o percebamos sua sucessão a cada instante, ele não deixa de exercer sobre as coisas o seu poder de corrosão.

O transcorrer do tempo e, conseqüentemente, da vida, é ligeiro e imperdoável para aqueles que não o aproveitam da melhor forma possível. A flor dos verdes anos perecerá vítima do tempo, o percurso da vida humana por completo, também. O conselho que fica é dar tempo ao tempo, os dias se passam sem que nos demos conta do seu curso natural. Se nada podemos fazer, fica a ressalva: não deixe que a memória do vivido fique em branco, pois aqueles que permanecem estáticos estão sujeitos ao esquecimento. Mesmo que uma ou outra a percepção da passagem do tempo seja notada de forma distinta por cada indivíduo, sua característica de transformação é inegável e sempre atuante. Estamos entre os momentos “idos e vindos”, mais especificamente no encontro entre os tempos e no único possível de ação. Cabe ao leitor constantemente recordar, visto que o tempo não cessa, embora pareça estar parado, que, se nem mesmo os instantes bem aproveitados poderão ter garantia de lugar na memória, os que passarem sem a tinta do prazer da vida certamente cairão no esquecimento.

Armando Freitas Filho, ao explorar a passagem do tempo e os desafios que ela impõe ao homem, avizinha-se da boa companhia de autores que outrora trataram dessa reflexão profunda sobre a condição humana, como Horácio, Gregório de Matos, Mario Quintana e tantos outros monumentos da poesia. É admirável ver como a literatura continua a ser um veículo para abordar questões atemporais como essa, em uma constante rotatividade do *topos*, conservando as características temáticas principais, mas mudando suas formas. Mudam-se os tempos, mudam-se as culturas, mas os pensamentos e escritas sobre as qualidades da humanidade costuma voltar à baila, transcritas em nova roupagem, tomando sempre outras qualidades, novos estilos e singularidades. A circularidade do tema relembra o leitor/ouvinte da sua condição, reescreve o passado e projeta para as gerações vindouras o legado de grandes nomes das letras.

Considerações Finais

Ao longo dessa longa jornada do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lírica Contemporânea pensamos, discutimos e analisamos estes e outros *topoi* ligados à condição do ser e à escrita literária, percebendo como a poesia continua a dimensionar as condições caras e comuns ao ser humano. O nosso texto mostra que, apesar do constante transcorrer do tempo, notáveis na cultura e nas formas de expressão, os temas centrais da humanidade permanecem presentes na tinta dos poetas, renovando-se continuamente e mantendo vivos o tema, o poema e o escritor.

Este trabalho é uma homenagem aos esforços e às conquistas do grupo de pesquisa. A mesa redonda da sala de estudos literários em que nos reunimos semanalmente foi testemunha dos medos, da coragem, dos esforços e das confraternizações que aproximaram pessoas por gostos em comum: o entusiasmo com os estudos da poesia, a amizade e a ajuda mútua. Embora as vidas profissionais para além dos muros da universidade nos afastem do convívio diário, permanece em nós a gratidão pelas experiências vividas.

Foram essas experiências que contribuíram para a formação dos integrantes do grupo. Ao estudarmos a presença dos *topoi* antigos na poesia contemporânea alargamos nossos olhares em duas direções: a visita à tradição e os estudos centrados na lírica contemporânea. O voltar ao passado para estudar suas heranças no presente traçou de uma

só vez as linhas básicas dos estudos de poesia em diferentes contextos, analisando suas linhas comuns. Ao mergulharmos em tais investigações, esses tópicos foram estudados de forma mais profunda em trabalhos de iniciação científica, artigos acadêmicos, monografias, e dissertações e esse processo de constante contato com a poesia atenua, gradativamente, o problema levantado por Paulo Franchetti nas primeiras considerações deste trabalho. Os novos professores formados pela universidade e integrantes do grupo, ao manterem contato com essa forma literária e levá-la aos seus alunos, acabam por contribuir bastante nesse sentido.

Pelo fato de o mundo da poesia contemporânea ainda ser desafiador e pouco explorado ele se torna um campo instigante para aqueles que apreciam a linguagem poética. Constantemente retornamos aos temas comuns, aos estudos de poesia e às influências da tradição, não apenas para compreender melhor os novos versos, mas também para enxergar o mundo que nos cerca através do olhar de outros e das tradições literárias. Traçou-se, portanto, nestes escritos e na trajetória do grupo de estudos, a importância da tradição literária e do estudo crítico da poesia contemporânea, bem como a vitalidade do debate em torno dessa forma artística. Trazer a poesia para debate é torná-la sempre viva.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.

ARCHANJO, Neide. **Escavações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRITTO, Paulo Henrique. **Formas do nada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CICERO, Antonio. **A cidade e os livros**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “A massa folhada do tempo: meditação sobre o Anacronismo. In.: _____. **Ziguezague**: Ensaios. Tradução Marcos José Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 9-26.

FAUSTINO, Mario. **O homem e sua hora e outros poemas**. Pesquisa e organização Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRANCHETTI, Paulo. “Notas sobre poesia e crítica de poesia”. In.: _____. **Crise em crise**. Notas sobre poesia e crítica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

FREITAS FILHO, Armando. **Arremate**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Uma tragédia. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2020.

HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JOYCE, James. **Ulisses**. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MARANHÃO, Salgado. **A voz que vem dos poros**: Antologia poética. Seleção e organização de Rafael Quevedo e Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Balaio**: Alguns Poetas da Geração 60 & Arredores Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2012.

QUEVEDO, Rafael Campos. **A lavra e o livro**: Ensaio sobre a lírica de Salgado Maranhão. Bahia, Mondongro, 2023.

QUINTANA, Mario. **Esconderijos do tempo**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2005.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.